

Relatório sobre a Palestra de Propriedade Intelectual

Mateus Agostinho dos Anjos
NUSP: 9298191

30/03/2019

O palestrante abordou o tema Propriedade Intelectual começando por uma definição rápida e sucinta apresentando um pouco do contexto histórico em que foi criada. Para isso foi feita uma comparação entre os dias atuais cujo conhecimento, em parte, está protegido por leis e a idade média cujo conhecimento era público.

A partir da criação deste conceito, leis protetoras começaram a surgir como forma de proteger e dominar o conhecimento, fazendo com que o poder econômico de hoje se baseie muito em quem detém a maior parte do conhecimento. Após essa introdução o palestrante falou sobre o acordo TRIPS de 1994 para reforçar seu ponto sobre PI como forma de pressão econômica e política. Citou também algumas leis como Lei da Propriedade Industrial (LPI), Lei do Direito Autoral (LDA) e Lei do Software (LDS) e fez uma classificação sobre PI dividindo-a em Criações e Sinais Distintivos. Falou sobre a parte de Criações dando um pouco de ênfase aos softwares para nos prender a atenção.

Dentro desta discussão introduziu os conceitos de Direitos Autorais e Patentes, nos apresentando uma forma simplista de diferenciá-los: Direito autoral é mais puxado para o artístico, de criação enquanto Patente está mais voltada a resolver problemas técnicos.

Neste momento o palestrante propôs uma reflexão sobre: **Quem investe mais em Pesquisa?** e a resposta, que me surpreendeu, foi: **O Estado**. A partir deste momento foram apresentadas algumas tabelas sobre investimentos em pesquisas e o estado lidera em vários países, porém são empresas privadas que detém o maior número de patentes (servindo muitas vezes para processar a concorrência).

Continuamos nesta reflexão para entender um pouco do motivo desses números. As empresas privadas tendem a ter mais tecnologia para produção, um exemplo foi dado com a patente do Iphone: Se a patente do Iphone fosse liberada, seria possível construir um celular deste tipo no Brasil? Chegamos a conclusão de que não, pois não possuímos a tecnologia necessária (voltamos até a discutir a pressão política e econômica dos tratados sobre PI) apesar de termos bons números de investimentos em pesquisas e até estarmos bem classificados nos rankings de publicações científicas.

Entramos em outra reflexão: **Qual o incentivo para produzir novos conhecimentos?** Eu acreditava, numa visão muito simplista, que os novos conhecimentos eram produzidos por conta do dinheiro, porém nesta reflexão o palestrante apresentou outros motivos como reconhecimento pessoal, altruísmo, além da competição entre empresas buscando inovação a fim de dominar o mercado, ampliando meu pensamento sobre o assunto. Portanto, os avanços tecnológicos e em pesquisa ocorrem devido a competição de empresas que buscam dominar o mercado e os lucros e não devido ao fato de poderem patentear essas inovações e lucrar com isso.

Sendo assim, nos foi apresentado algumas empresas e pensadores que: são contra a PI, pensam que a PI pode ajudar porém necessita de reformas e que são totalmente a favor da PI. O palestrante terminou a discussão apresentando alguns exemplos sobre como a Propriedade intelectual nos afeta e nos mostrou o caso do “homem mais odiado do mundo” que, por ter o monopólio de um remédio, inflacionou o preço do medicamento de maneira absurda.